*Você Só Acha Que É Um Príncipe Quando Não Tem Sua Torre*

*— Jaxon —*

Não acredito que Foster fez isso. Simplesmente não consigo acreditar. Estou passando todas as horas de todos os dias tentando impedir que todo esse caralho se transforme numa merda ainda maior e Foster resolve fazer isso. Puta que pariu, não dá pra acreditar.

— É ela? — pergunta Mekhi no lugar em que está sentado, no sofá atrás de mim.

Eu olho pela janela para a garota que está descendo do trenó motorizado diante da escola. — Sim.

— O que você acha? — pergunta Luca. — Será que ela vai dar uma boa isca?

— Ela parece... — Exausta. Vejo isso na maneira que ela baixa a cabeça quando tira o capacete. Em como seus ombros se contraem. Em como ela olha para a escada como se fossem o maior obstáculo que já viu na vida. Exausta e... derrotada?

— O quê? — Byron chega por trás de mim e espia por cima do meu ombro. — Ah. Indefesa — murmura ele depois de um minuto.

Sim, é exatamente essa palavra que eu estava procurando. Ela parece *indefesa*. O que, sem dúvida, faz dela uma ótima isca. E também faz com que eu me sinta péssimo. Como é que eu vou poder usar uma garota que já parece ter levado uma dúzia de pontapés da vida, bem na boca?

Por outro lado, como é que eu poderia deixar de fazer isso? Tem alguma coisa acontecendo. Alguma coisa grande. Alguma coisa que vai foder com todo mundo. Estou sentindo, eu e os outros membros da Ordem. Estamos tentando descobrir o que há dias, mas ninguém fala nada... pelo menos, não para nós. E como não queremos sair pela escola e forçar a situação, só para não fazer com que o responsável por isso, seja quem for, fuja e se esconda desse desastre de proporções monumentais prestes a acontecer, precisamos encontrar alguma isca e segui-la.

— Indefesa é algo bom, não é? — pergunta Liam, como o cuzão que ele é.

Eu o encaro, irritado, enquanto ele pega uma garrafa térmica cheia de sangue do frigobar que fica embaixo de uma das minhas estantes de livros. Ele ergue a mão como se estivesse pedindo desculpas e em seguida explica: — Só estou dizendo que isso pode fazer com que a pessoa que está por trás disso tudo tenha uma falsa sensação de segurança.

— Ou pode fazer com que seja muito mais fácil matá-la — responde Rafael. São palavras descuidadas, embora sua voz não seja nem um pouco. Não é nenhuma surpresa, já que ele sempre teve uma queda por donzelas em perigo. E ele também é o único que foi contra esse plano desde o começo.

Mas eu não sei mais o que posso fazer. Não dá para ignorar o que está acontecendo sob a superfície. Não se eu quiser impedir outra guerra... ou algo pior.

Eu olho novamente e vejo que ela conseguiu subir os degraus agora, embora pareça estar prestes a cair para trás. Quero ver seu rosto, mas ela está coberta com tantas roupas que não consigo ver nada além da massa de cachos espiralados que saem por baixo daquele chapéu rosa-choque.

— O que você vai fazer, então? — pergunta Mekhi. — O que você vai dizer a ela?

Não tenho a mínima ideia. Bem, eu sei o que *planejei* dizer a ela. O que eu *deveria* dizer a ela. Mas, às vezes, *deveria* é algo que está muito longe do que acontece na realidade. Hudson me ensinou isso... assim como a nossa mãe ensinou.

E é por isso que, em vez de responder à pergunta do meu melhor amigo, eu pergunto: — Do que mais eu preciso saber?

— Jaxon... — Rafael começa, mas eu o mando ficar quieto com um olhar.

— O que mais?

— Os dragões voltaram para os túneis — diz Luca, com aquele sotaque espanhol que faz com que as coisas não pareçam tão ruins quanto realmente são. — Ainda não consegui descobrir o que eles estão aprontando, mas cedo ou tarde eu vou saber.

— E os lobos?

Liam solta uma risada irônica. — Os mesmos cuzões de sempre, só que em dias diferentes.

— E isso vai mudar algum dia? — pergunta Mekhi, fechando o punho para tocá-lo no meu.

— Nunca vai mudar — eu concordo. — Mas, além das coisas de sempre, tem alguma coisa que eu preciso saber sobre eles?

— Nada além de ficarem uivando para a lua como um bando de criminosos. — Byron ainda está olhando pela janela e eu sei que ele está pensando em Vivian. — Quando você vai fazer alguma coisa a respeito?

— Eles são lobos, By. Uivar para a lua é normal para eles — eu respondo.

— Você sabe do que eu estou falando.

E sei mesmo. — Eles não vão machucar mais ninguém do jeito que fizeram com ela. Cole me deu sua palavra.

— Ah. — Ele bufa. — Como se fosse possível confiar em Cole. Ou naquele bando de vira-latas sarnentos que andam com ele.

Já faz cinco anos, mas na cronologia dos vampiros isso não é nada. Especialmente quando se perde uma consorte.

— Ela está entrando — murmura Byron e uma rápida olhada para a frente da escola mostra que ele está certo. O chapéu rosa e a garota que o trazia na cabeça não estão em lugar nenhum.

— Eu já volto — digo a eles, tirando o moletom vermelho da Academia Katmere que vesti durante todo o dia e jogando-o sobre o encosto da cadeira mais próxima. Afinal de contas, nada intimidada mais do que um moletom da escola...

Desço três degraus de cada vez. Não tenho a menor ideia sobre o que vou fazer agora, se é que vou fazer alguma coisa. Mas quero dar uma olhada nessa garota nova. Quero ver que tipo de problemas ela vai trazer. Porque, se existe uma coisa que eu sei é que ela vai ser *todo* o problema.

É uma sensação que fica ainda mais forte no instante que a vejo sozinha, com as costas para escada e qualquer pessoa que queira chegar sorrateiramente enquanto ela olha para a mesa de xadrez que está meio escondida pela alcova.

E que diabos...? Ela está aqui há dois minutos e Macy e Foster já a deixaram sozinha? Onde qualquer um pode se aproximar dela?

E quando eu digo *se aproximar dela*, eu digo que podem querer aprontar alguma coisa... ou algo pior.

Inclusive, eu ainda nem cheguei ao pé da escada antes que Baxter já esteja se esgueirando por trás dela, com os olhos ardendo e as presas à mostra, só um pouco.

Eu consigo atrair a sua atenção e o encaro com um olhar que o faz cair fora dali. Não porque eu me importo se ele tomar todo o sangue daquela humana pequena — e ela é pequena mesmo; não deve ter um metro e sessenta — mas porque há regras para isso. E uma dessas regras definitivamente é *não se alimente da sobrinha do diretor*. O que é uma pena, porque o cheiro dela é ótimo. Uma combinação de baunilha e madressilva perceptível sobre o aroma levemente acre depois de muitas horas de viagem.

Faz com que eu imagine qual seria o gosto dela.

Mas como beber o sangue dela — todo ou apenas uma parte — está fora de questão, eu afasto essa ideia e desço a última metade da escada com um único salto.

Ela ainda não percebe e eu não consigo deixar de imaginar se ela tem alguma espécie de instinto suicida ou se é uma pessoa espetacularmente distraída.

Espero que seja essa última opção, porque, se fosse a primeira, isso com certeza complicaria as coisas. Especialmente aqui em Katmere, onde, no momento, parece que a civilidade entre todas as criaturas que frequentam este lugar está por um fio. Especialmente no que diz respeito a mim.

Eu me aproximo quando ela pega uma peça de xadrez e começa a observá-la como se fosse a coisa mais fascinante do mundo. Curioso, apesar da situação, eu espio por cima do seu ombro para ver exatamente o que ela acha tão fascinante. Mas quando vejo a peça que ela está observando — a minha boa e velha mãe, em toda a sua glória, não consigo deixar de chegar um pouco mais perto e avisar:

— Eu tomaria cuidado com essa aí, se fosse você. Ela tem uma mordida bem dolorida.

Ela salta como se eu realmente a tivesse mordido, em vez de apenas indicar o perigo. Então, é simplesmente distraída. Nada de instintos suicidas. As coisas estão melhorando.

Vou avisá-la sobre virar as costas para qualquer pessoa neste lugar, mas ela vira para trás antes que eu consiga dizer aquelas palavras. E, quando nossos olhares se cruzam, eu perco toda a noção do que ia dizer.

Porque... puta que pariu. Simplesmente puta que pariu.

Ele é tudo e nada do que eu esperava.

É frágil, como todos os humanos. Quebra-se facilmente; bastaria um gesto com a mão ou um ataque com as presas para que ela morresse. Problema resolvido. Exceto, claro, pelo alvoroço que Foster iria causar.

Mas quando ela ergue o rosto para me encarar, com olhos da cor de chocolate derretido, não estou pensando em matá-la. Em vez disso, estou pensando no quanto a pele dessa garota deve ser macia.

No quanto eu gosto do jeito que os cachos emolduram aquele rosto em forma de coração.

Se o grupo de sardas que ela tem na bochecha esquerda forma o desenho de uma flor ou uma estrela.

E, com certeza, estou pensando em como seria enfiar os meus dentes naquele ponto logo abaixo da orelha.

O que ela diria quando me pedisse para fazer isso.

Qual seria a sensação do corpo dela junto ao meu quando ela se oferecesse.

Qual seria o gosto dela na minha língua... e se for parecido com o cheiro dela, eu tenho medo de que posso não conseguir me conter. E eu sempre consigo me conter.

Não me sinto muito confortável quando percebo isso, especialmente considerando que vim até aqui para dar uma olhada nela e ter certeza de que essa garota não causaria nenhum problema quando as coisas já estão tão complicadas. E aqui estou eu, de repente, pensando em...

— *Quem* tem uma mordida dolorida? — Sua voz trêmula interrompe os meus pensamentos, faz com que eu olhe para a mesa de xadrez que está logo depois dela... e a peça que ela deixou cair quando eu a assustei.

Eu estendo a mão, pego a rainha vampira — mesmo que ela seja a última coisa que eu queira tocar — e a seguro para que a sobrinha de Foster, para que *Grace*, a veja. — Ela não é muito legal.

Ela me encara sem expressão. — Ela é uma peça de xadrez.

A confusão dela me encanta, assim como sua determinação em fingir que não sente medo de mim. Ela tem uma petulância que poderia funcionar com outro humano, mas não comigo. Não quando eu consigo farejar o medo... e alguma outra coisa que me faz prestar atenção. — E isso significa o quê? — eu pergunto, porque cutucar essa humana é bem divertido.

— Significa que ela é uma peça de *xadrez* — responde ela e pela primeira vez ela tem coragem suficiente para olhar nos meus olhos. — É feita de *mármore*. Não pode morder ninguém — continua ela após um momento.

Eu inclino a cabeça, insinuando que *nunca se sabe* com o gesto. — “Há mais coisas entre o céu e o inferno, Horácio, do que sonha a nossa vã filosofia”. Considerando que estamos no meio de uma situação bem complicada, um pouco de *Hamlet* parece ser bem apropriado.

— Terra — ela responde.

O que me faz erguer uma sobrancelha enquanto olho para ela. Além de conhecer a citação, ela não tem medo de chamar a minha atenção para o “erro” que cometi.

— A frase é “Há mais coisas entre o céu e a *terra*, Horácio”.

— É mesmo? Acho que gosto mais da minha versão.

— Mesmo que esteja errada?

— Especialmente porque ela está errada. — Ela parece estar incrédula e seu tom de voz revela o mesmo, também. O que me diverte e ao mesmo tempo me preocupa. Porque significa que a minha primeira impressão estava certa: ela realmente é distraída. E é uma pessoa totalmente, completamente sem noção. Tudo indica que ela vai ser morta por aqui... ou que vai causar uma guerra. Ou as duas coisas.

Não posso deixar que isso aconteça... para a segurança de todo mundo. Não depois de todo o trabalho que tive — e depois de ter desistido de tudo — para impedir que isso acontecesse.

— Preciso ir. — Os olhos dela estão arregalados; suas palavras, um pouco estridentes e esganiçadas também.

É a gota d’água, porque, se ela não consegue manter uma conversa comigo quando estou sendo perfeitamente razoável, como diabos vai conseguir durar um único dia por aqui?

— É, precisa mesmo. — Eu dou um passo curto para trás e indico a sala de convívio com a cabeça, assim como a entrada da escola. — A porta fica daquele lado.

Uma expressão de choque passa pelo seu rosto quando ela pergunta: — E daí? Preciso tomar cuidado para que ela não bata em mim quando eu passar?

Eu dou de ombros antes de lhe dar uma resposta que certamente vai fazer com que ela fuja correndo para as colinas. O fato de que isso também vai fazer com que eu pareça um babaca é algo que eu devo lamentar e algo do qual ela jamais deve saber a razão. — Desde que você saia dessa escola, não dou a mínima se a porta bater em você ou não. Eu avisei o seu tio de que você não estaria segura aqui, mas, obviamente, ele não gosta muito de você.

A raiva surge no rosto dela, substituindo a incerteza. — E quem exatamente você deveria ser, hein? O chefe do comitê da má recepção de Katmere?

— Comitê de *má* recepção? — Eu repito. — Pode acreditar no que eu digo: essa vai ser a saudação mais gentil que você vai receber por aqui.

— Ah, então é assim? — ela ergue as sobrancelhas, abrindo bem os braços. — As boas-vindas ao Alasca?

Aquela retrucada me surpreende e ao mesmo tempo me intriga — o que não é *nem um pouco* aceitável, de maneira alguma. Perceber isso me faz rosnar. — Está mais para as boas-vindas ao inferno. Agora, caia fora daqui. — E é também um aviso para mim mesmo, uma tentativa de assustá-la.

É uma pena que isso não funcione, nem de um lado e nem de outro. Porque ela não recebe muito bem o meu aviso e também não sai correndo. Em vez disso, simplesmente ergue o queixo e me olha de cima, perguntando: — Por acaso você fez curso para ser babaca? Ou essa sua personalidade encantadora sempre foi assim?

Agora é a minha vez de ficar chocado. Ninguém fala assim comigo. Nunca. Especialmente uma garota humana que eu poderia matar com pouco mais do que um pensamento. Um toque de frustração surge com isso. Porque estou tentando salvar a sua vida e ela não tem nem mesmo a decência de se dar conta.

Preciso mudar isso e rápido. Estreitando os olhos, eu respondo: — Olhe, eu preciso dizer que, se isso é o melhor que você pode fazer, eu lhe dou mais ou menos uma hora.

Agora é a vez das sobrancelhas dela se erguerem. — Antes de quê?

— Antes que alguma coisa a devore. — É óbvio.

— É sério? Você acha que eu vou cair nessa? — Ela revira os olhos. — Por que não me morde de uma vez?

Se ela soubesse o quanto eu quero fazer isso... quanto mais irritada ela fica, melhor é o cheiro. Sem falar no quanto ela fica mais bonita com as bochechas vermelhas e um ponto de pulsação na curva da sua garganta que bate aceleradamente.

—Ah, nem estou a fim — eu digo a ela, mesmo sentindo que estou com água na boca e as minhas presas ameacem se alongar com cada batida do coração dela.

Quero sentir o sabor dessa garota. Sentir a maciez do seu corpo encostado no meu enquanto bebo uma boa dose. Beber, beber e... eu corto aquele pensamento. Forço-me a olhá-la de cima a baixo de um jeito bem arrogante antes de responder: — Tenho certeza de que você não serve nem para virar aperitivo.

Dou um passo a frente, determinado a intimidá-la. Determinado a fazer com que ela saia daqui antes que este lugar se transforme num inferno e ela se machuque. — Talvez um lanchinho rápido, quem sabe? — Eu bato os dentes bem rápido, fazendo um estalo alto. E faço o melhor que posso para ignorar a maneira como ela estremece com o som.

É muito mais difícil do que deveria ser, porra. Especialmente quando ela se recusa a recuar como qualquer pessoa faria. Como todo mundo faria. Em vez disso, ela pergunta: — Cara, o que você tem na cabeça?

E... merda. Eu quase começo a rir, porque talvez...

— Uns dois ou três séculos? — Talvez isso seja o bastante para começar a arranhar a superfície da minha resposta, para ser sincero.

— Sabe de uma coisa? Você não precisa ser um...

Atrás de nós, todo mundo está esticando as orelhas para escutar. Ninguém é idiota demais para chegar muito perto, mas eu os sinto por ali, nas proximidades. Escutando. Esperando. Criando estratégias.

O que significa que já chega. É hora de assustá-la de verdade. — Não me diga o que eu tenho que ser. Não quando você não faz a menor ideia do lugar onde veio parar — eu digo, grunhindo.

— Oh, não! — Ela finge que está assustada com uma expressão bem teatral e em seguida pergunta: — É essa a parte da história onde você me contra sobre os monstros malvados que existem aqui no meio das florestas perdidas do Alasca?

Diabos, até que ela está me impressionando. Claro, é muito frustrante perceber que ela não está levando nada disso a sério, mas é difícil culpá-la quando tudo que sabe é o que eu estou dizendo. Inclusive, estou impressionado por ela conseguir resistir por tanto tempo. Não é todo mundo que consegue.

E é por isso que eu respondo: — Não, esta é a parte da história onde eu lhe mostro os monstros malvados bem aqui neste castelo. — Eu avanço um passo, encurtando a pouca distância que ela conseguiu abrir entre nós.

Ela precisa saber que, se for caminhar por este lugar desafiando as pessoas desse jeito, vai ter que encarar as consequências. É melhor que ela aprenda isso comigo do que com um dos metamorfos que gosta de atacar com as garras primeiro e fazer perguntas depois.

Ela deve ter visto isso no meu rosto, porque dá um passo trêmulo para trás. Em seguida, mais um. E mais um.

Mas eu não me afasto, avançando um passo para cada passo que ela recua, até prensá-la contra a borda da mesa de xadrez. Não há mais para onde ir.

Preciso assustá-la, preciso fazer com que ela fuja deste lugar o mais rápido possível, que vá para o mais longe que puder. Mas, quanto mais eu me aproximo dela, quanto mais eu me inclino para junto dela, mais eu sinto vontade de fazer qualquer outra coisa que não seja assustá-la para que fuja daqui.

É uma sensação muito boa estar encostado nela. Seu cheiro é tão bom que eu tenho dificuldade de me concentrar no golpe final. E, quando ela se move, com o corpo tocando no meu mais de uma vez, é ainda mais difícil lembrar de qual seria o golpe final.

— O que você...? — A respiração dela fica presa. — O que você está fazendo?

Eu não respondo imediatamente... porque não tenho uma resposta além de *a coisa errada. Estou fazendo a coisa errada*. Mas saber disso parece não importar quando ela está bem na minha frente, os olhos castanhos vivos com um milhão de emoções diferentes que fazem com que eu sinta coisas que não me permito sentir há muito tempo.

Mas nenhuma dessas coisas é a resposta que eu preciso dar a ela no momento. Nenhuma dela é um pensamento que eu deveria ter. Assim, em vez de dizer o que quero, eu pego uma das peças em forma de dragão. Em seguida, a seguro para que ela a veja e respondo: — Foi você que quis ver os monstros.

Ela mal olha para a peça. E me encara com uma expressão desdenhosa. — Não tenho medo de um dragão de sete centímetros.

Que garota boba. — Ah, não? Pois deveria ter.

— Bem, *não tenho*. — A voz dela sai com um esforço e eu começo a pensar que talvez tenha conseguido afeá-la. Só que, neste momento, ela não cheira como se estivesse assustada. Na verdade, o cheiro dela... porra, de jeito nenhum. Não vou ceder a isso, não importa o quanto eu queira.

Em vez disso, eu recuo o bastante para abrir um pouco de espaço entre nós. E para observá-la perdendo a cabeça enquanto o silêncio entre nós se estende cada vez mais.

Não demora muito até eu quebrar o silêncio e a tensão que está crescendo entre nós, porque sei que ela não vai dizer nada. — Então, se você não tem medo de coisas que rastejam pela escuridão da noite, do *que* você tem medo? — E me esforço bastante para fingir que a resposta dela não importa para mim.

Pelo menos até ela dizer: —Não há muita coisa a temer quando uma pessoa já perdeu tudo que importava.

Eu fico paralisado quando aquelas palavras me atingem como um bombardeio — caindo e explodindo com tanta rapidez e intensidade que eu chego a imaginar que vou me despedaçar bem aqui, na frente dela. Uma agonia que eu pensava já ter superado há muito tempo me rasga por inteiro. E faz com que eu sangre, quando pensava que já tinha perdido todo o sangue que tinha para perder.

Eu empurro aqueles sentimentos para longe, para dentro de mim de novo. E não consigo entender por que tudo continua bem na minha frente. Até perceber que, desta vez, a dor que estou vendo é a dela.

É terrível e aterrorizante perceber que ela tem algumas das mesmas feridas, se não forem exatamente as mesmas, que eu tenho. Saber disso, reconhecer isso, faz com que eu tenha muito mais dificuldade para recuar. Faz com que seja muito mais difícil eu fazer o que sei que preciso fazer.

Em vez disso, eu estendo a mão e toco gentilmente um dos seus cachos. Gosto deles porque há tanta vida nesses cabelos, tanta energia, tanta alegria que tocá-los faz com que eu esqueça de todas as razões pelas quais é impossível deixar que ela fique aqui.

Eu estico o cacho, observando-o enquanto ele se enrola ao redor do meu dedo como se tivesse vontade própria. Ele é sedoso e fresco e ligeiramente áspero também, mas me aquece como nada consegue fazer há muito tempo. Pelo menos até ela erguer as mãos, colocá-las nos meus ombros e me empurrar para trás.

E ainda assim eu não recuo. Não consigo. Pelo menos até que ela sussurra: — Por favor.

Eu levo um segundo — talvez dois ou três — até finalmente encontrar a força de vontade necessária para me afastar. Até finalmente encontrar a energia para soltar aquele cacho, aquela única conexão.

Frustrado comigo mesmo, com ela e com toda essa merda de situação, eu passo a mão pelos meus próprios cabelos. E logo me arrependo de ter feito isso quando percebo que os olhos dela se fixam imediatamente na minha cicatriz. Eu odeio essa desgraça. Odeio o que essa cicatriz é, odeio a sua razão de existir e odeio ainda mais o que ela representa.

Eu desvio o olhar. Baixo a cabeça para que o meu cabelo a cubra outra vez.

Mas é tarde demais. Eu percebo no rosto e no olhar dela.

Ouço na maneira em que a respiração dela fica presa na garganta.

Sinto na maneira que ela se aproxima de mim pela primeira vez, em vez de se afastar.

E quanto ela estende a mão, quando toca a minha face marcada pela cicatriz com aquela mão fria e suave, eu não consigo empurrá-la para longe. E nem fugir dali a toda a velocidade.

A única coisa que me segura onde estou é a ironia. A ideia de que eu vim até aqui embaixo para assustá-la para o seu próprio bem e agora estou considerando a ideia de fugir exatamente pela mesma razão.

Mas nossos olhares se cruzam outra vez e eu fico encantado pelo poder que ela tem, completamente cativado pela suavidade e a força daqueles olhos enquanto ela acaricia a minha bochecha com o polegar, várias vezes, sem parar.

Eu nunca senti nada assim em minha vida que já é longa demais e nada — nada mesmo — pode me fazer quebrar essa conexão agora.

Pelo menos até que ela sussurra: — Lamento. Isso deve ter doído muito.

O som da voz de Grace, combinado com o deslizar do polegar pela minha pele faz com que eu sinta faíscas elétricas passando por mim. Faz com que cada terminação nervosa grite em uma mistura de agonia e êxtase enquanto uma palavra gira pela minha cabeça, sem parar.

*Consorte*.

Essa garota, essa frágil garota humana cuja vida está se equilibrando na beira de um precipício, é a minha consorte.

Por um momento eu me deixo mergulhar nessa ideia, mergulhar nela. Fecho os olhos, encosto o rosto na mão dela, inspiro o ar numa golfada longa e entrecortada e fico imaginando como seria ser amado desse jeito. Completamente, irrevogavelmente, incondicionalmente. Imagino como seria construir uma vida com essa garota inteligente, irreverente, corajosa e desafortunada.

Nunca senti nada tão bom assim.

Mas há pessoas à nossa volta, nos observando — observando a mim — e eu não posso deixar que isso continue. Por isso, eu faço a única coisa que não quero fazer, a única coisa que cada célula no meu corpo está gritando para eu não fazer. Dou um passo para trás, abrindo uma distância de verdade entre nós pela primeira vez desde que desci por aquelas escadas, o que parece ter acontecido há uma eternidade.

— Eu não a entendo. — Não são as palavras que eu preciso dizer, mas são as que tenho.

— “Há mais coisas entre o céu e o inferno, Horácio, do que sonha a nossa vã filosofia” — responde ela, deliberadamente usando a citação errada de antes, com um sorriso que me parte em dois.

Eu balanço a cabeça em vão, tentando organizar os pensamentos. Respiro fundo outra vez e exalo devagar. — Se você não vai embora...

— Eu *não posso* ir embora — interrompe ela. — Não tenho nenhum lugar para ir. Os meus pais...

— Morreram. Eu sei. — A fúria arde dentro de mim. Por ela, pelo que ela sofreu e por todas as coisas que eu quero fazer com ela, mas que *não posso*.

— Tudo bem. Se você não vai embora, então vai ter que me escutar com muita, muita atenção.

Os olhos dela se arregalam, confusos. — O que você...?

— Mantenha a cabeça baixa. Não olhe por muito tempo para nada, nem para ninguém. — Eu me inclino para frente até que meus lábios estejam quase encostados na sua orelha, lutando contra os instintos que ganham vida dentro de mim cada vez que nós dois respiramos enquanto concluo. — E sempre, *sempre* tome muito cuidado.

Antes que ela consiga responder, Foster e Macy vêm andando pelo corredor na nossa direção. Ela se vira para olhar para eles e eu faço o que preciso fazer para mantê-la a salvo. Faço a única coisa que posso fazer nessas circunstâncias ridículas. Eu rapidamente desapareço pela escada; a velocidade do movimento me ajuda a fingir que cada passo que me afasto dela não me corta como estilhaços de vidro pontiagudos.

Estou planejando voltar ao meu quarto, mas não consigo chegar tão longe. Em vez disso, eu viro no primeiro corredor e fico escutando sua voz enquanto ela conversa com Foster. Não as palavras, apenas a voz, porque não consigo me saciar com Grace. Agora, não. Ainda não.

Não vai durar muito tempo. Vou ter que desistir isso.

Não vai durar muito tempo. Vou ter que me afastar dela o máximo que posso. Porque, se eu pensava que era ruim ela ser usada como isca, isso não é nada comparado ao perigo de ser uma humana que é a consorte de um vampiro. E não de um vampiro qualquer, mas um vampiro que tem o destino do mundo inteiro em suas mãos.